

# AMAZÃO

SEMANÁRIO REPUBLICANO

Director e Editor, Dr. David d'Oliveira

N.º 21 do 1.º Ano

Redacção e Administração, Rua da Liberdade, 94

Guimarães, 20 de Maio de 1923

Comp. e impressão, Empresa de Publicidade - FAFE

## CRISES

Sempre que as autoridades republicanas tentam opôr uma barreira aos desmandos de linguagem usados pela imprensa monarchica, logo esta se abespinha e brada fútilmente contra o que diz ser um atentado á liberdade de pensamento e logo clama aos quatro ventos que em Portugal nem ha liberdades, nem regalias, só aqui imperando a mais torva das tiranias.

E o que é certo e o que é lamentavel é que ante estes clamores dessa imprensa tudo se calou e deste modo chegamos a esta linda situação: a imprensa monarchica taxa de ladrões os republicanos, de ladra e chicaneira a Republica, no mesmo tempo que vai lançando a publico toda a especie de boatos tendenciosos que de qualquer modo possam apoucar aqueles homens que melhor servem e mais prestigiam o regimen.

A essa faina se vem dando com tanto ardor e tão desmaçar: do proposito que até no parlamento os representantes monarchicos se fazem eco do grosseiro plano e assim, com ares de inocentes e protestos do mais acrisolado patriotismo,

que lhe não negamos, vão dando curso aos ridiculos productos de uma inventiva pouco escrupulosa.

Não se passa um dia em que quer na imprensa republicana, quer no parlamento, não surjam os desmentidos e muito poucos são os dias em que os jornais que defendem a Republica não protestem contra esse processo vil de combate; contudo, a imprensa contra ia vai fazendo ouvidos de mercador e apesar dos desmentidos e apesar dos protestos, reincide no boato tendencioso, teima no insulto e na calunia, sempre bradando contra o despotismo que não permite liberdades nem respeito regalias.

Se não soubessemos que tanta audacia e tanto impudor são os miseros farrapos com que pretendem cobrir a propria fraqueza, decerto nos assombraríamos com esta atitude dos jornais monarchicos, que traduzindo um estado de espirito digno de lastima, é mais um poderoso sintoma a favor daqueles que argumentam para a demonstração de que a crise de que somos vítimas é a crise de caracter.

## O Soneto da Amphora ou a Morte de Bylis

*Bylis, a loura irmã dos amarântus rubros  
trouxe-a a Phazeliz cheia do oleo das rozas  
(que era sagrado e ardia ao luar, pelos delubros  
entre thyrsos pagãos e âmbulas caprichosas...)*

*Mas a vida passou e a grega envelhecida  
Bylis desxou de ser por deixar de ser bela...  
E, cansada de andar nos caminhos da Vida,  
foi para Tharsos com a propria sombra della...*

*O azul molhou de luar, ainda uma vez as frias  
paisagens de seu paiz, e, em notas dolorosas,  
a Lua-Chela guiou-lhe o passo leve e absóno...*

*E Byliz, ao morrer, deixou as mãos esguias  
Sobre a amphora e das mãos o sangue abriu-se em rozas  
(que o sangue duma grega é um jardim pelo Oulóno...)*

De «Ronald».

## RIDENDO...

E... segue a fita.

O ultimo nu nero do «Ecos» lá continua na sua missão *d'apater les bourgeois*, para encher o papelsinho e atrair os *amiguinhos* dos assinantes. Mas desta vez, coitado, vem muito de bresinho.

Parece que ficou ofuscado pela luz do candi ro da alma do sr. Faria poeta e não sei que mais, e bastante atormentado pelo ribombar das vozes azuis e brancas a amalhecer dos lados d'Alcacer, a dar vivas ao R y com i grego, no silencio estelir da alma de luz... Lá estou eu tambem já quasi ofuscado. O entusiasmo provocado pelo poeta ia-me levando a escrever como ele.

Contudo o «Ecos» ainda dá um pedço de qualquer coisa para a risota e assim: «Que se nota desde a implantação da Republica o mesmo aspecto de porcaria em Guimarães». Não é bem assim amigo «Ecos» ainda é peor, porque não me consta que em Outubro de 1910 já existisse o fedorentissimo jornal que dá pelo seu nome.

Aquella piadinha do *achado macabro* de Viana do Castelo, vem mal e fora de tempo. A placa foi arrancada por traulheiros naturalmente para ser vendida, e com o seu produto beberem dois á saúde da Traulitania triunfante. Como nenhum dos generosos correligionarios a comprasse, vá de a esconder. Assim é que me parece que foi, ou pelo menos devia ser.

Fala nos ossos do Marquês. Assim é que é seu «Ecos» duma figa, assim é que se respeitam as cinzas dos mortos. Ah que se a republica já tivesse tido um Marquês de Pombal, não tinha havido tanto *peio* da vossa parte, e teríeis a linguagem um pouco mais comedida.

Sobre o facto do sr. Antonio Maria da Silva procurar o pronuncio, o sr. L. de S. produz umas considerações muito sumarentas (como estamos no tempo das cerejas, não admira) e muito bombasticas. Mas seguindo o mesmo sr. L. de S. não se pode ser educado neste Paiz, nem se devem dar explicações a quem de direito. Tem lá um manual de civilidade muito especial, *ad usum delfini*. Agora bom, o que se chama

## VIDA PARTIDÁRIA

### Congresso do Partido Republicano Radical

O primeiro Congresso do Partido Republicano Radical realizar-se-ha nos dias 9, 10 e 11 de Junho proximo, em Lisboa. O Congresso sera constituído:

1.º — Pelos membros do Directorio;

2.º — Por 3 membros ou delegados de cada uma das commissões municipais;

3.º — Por 3 membros ou delegados de cada uma das commissões distritais;

4.º — Por 2 membros ou delegados de cada uma das commissões politicas e parquiais;

5.º — Por 2 representantes de cada Centro;

6.º — Por um representante de cada Jornal;

7.º — Pelos Deputados, senadores, ex-deputados e ex-senadores filiados;

8.º — Pelos membros de Comissões encarregada de organizações, trabalhos especiais etc;

9.º — Pelos ex-ministros filiados;

10.º — Pelos ex-governadores civis e do Ultramar.

As requisições de bilhetes de admissão no Congresso tem de ser acompanhadas de 3\$00.

O producto da admissão ao Congresso sera destinado a custear as despesas com o mesmo e o fundo de reserva.

Toda a correspondencia deve ser enviada a Cesar de Lemos, rua da Provisão n.º 126 — Lisboa.

u n amor, o artigo principal do «Gil Vicente». Aquilo só de encomenda. Qual carapuça nem qual c-b-a-ç? É assim mesmo. O Rei vem já por aí abaixo. Ate aqui traziam-no na barriga, mas desta vez sempre é certo.

Não tarda uma loja de barbeiro, nem uma torta do Guimarães, que ele não arrebente por aí. Dum momento para o outro, quando menos se esperar temo-lo aí.

Para cá vem de carrinho, mas para lá vai na maxima velocidade até desfazer os tacões das botas na parte mais larga das calças. De resto está lá, está cá. Está decidido. Já ha forcas e cacetes escondidos. Quando vierem cá para fóra, vamos pagá-las todas. Ha uma empresa constituída para explorar um grande restaurante, em que os pratos do dia serão sempre:

«Bifes de republicano enforcado» á D. Nuno 1.º; «Esparregado de convicções legitimistas á Dona Aldegundes»; «Recheio de prosas avariadas á Alfredo Pimenta»; «Extrato de sardinhas podres, á Antonio Sardinha»; «Omoletes de cacete á D. Miguel 1.º»; «Cabidelo de chifre duro, á D. Carlota Joaquina»; «Republicanos ensopados com salada de pepinos á Paiva Couceiro», etc. etc. Para sobremesa teremos: «Jesuitas

danados a morderem-nos as canelas» e «doce de matameiro puxado á sustancia».

«A onda cresce», não ha duvida, meus histriões de feira, mas não é essa onda que vos quereis.

A onda que cresce, meus banaboiás, meus escribas de três assobios, meus integrais exploradores de ingenuos e de simples, é a do odio que vos semeais, a do nojo que os vossos arrazoados nós causam. A onda que cresce é a da palcrnice, da patarelice, da creancite e da estupididade de que daes constantes provas.

O Rei que aí está a chegar é um vigario de que vos servis constantemente para impingir o conto.

LEDECE.

P. S. — Diz o «Gil» que saiu com um dia de atraso e pede desculpa. Não ha de quê. Se se atrasase de forma a nunca mais sair não se perdia nada. Mesmo porque lhe pode suceder o que já lhe succedeu com um celebre desmentido, e ter de o repetir, porque o seu lema é: onde digo que digo, digo... Diogo.

Ou então o atraso deu-se para ver se o Rei sempre chegaria. Só se fór isso. Deve ser... por mal dos nossos pecados. Valha-nos S. D. Miguel 1.º.

## A Próxima Exposição Concelhã

## UM GUIA DE FORASTEIRO

Algumas terras do país, nomeadamente Évora e Coimbra, possuem o seu Guia de Forasteiro. Guimarães, terra antiga, com monumentos e tradições de velha história, não tem um Guia-Cicerone.

É uma terra mal propagandeada. Peor ainda. É uma terra olvidada! Querem uma prova?

Damos-lhe em vez de uma — duas provas. Guimarães é a terra-mãe de Portugal, berço augusto da nacionalidade. Pois bem: a despeito disso, Guimarães não vem mencionado, nem pouco nem muito, no «Guia de Portugal» publicado em 1908 pela Sociedade Propaganda de Portugal. Fala-se pelo texto e pela ilustração, pela grafia e pela fotografia de muitas e várias terras portuguesas: *menos da terra que foi o berço natal da própria nacionalidade!*

Querem pleonasmo e itrisão mais flagrante?...

Esta Sociedade de Propaganda que não nega mas olvida, faz mais: afixa cartões-placards nas carruagens do caminho de ferro (linha sul) anunciando aos viajeros e *touristes*, monumentos e lugares pitorescos de varias terrinhas portuguesas — menos o mosteiro de Mamadona! menos o alcaçar do Conde D. Henrique! menos os jazigos arqueológicos da Citanã e do Sabroso! menos a estância da Penha! menos...

Ora, mas como havia de falar-se dos monumentos e dos lugares pitorescos desta terra antiga de *mesleirais*, *curtidores* e *cuteleiros*, se Guimarães não existe — para a Sociedade Propaganda de Portugal?!

\* \* \*

Não está, pois, fundamentalmente, urgentemente indicado que sejamos nós os obreiros primários na obra de propandear a nossa terra? Teremos, acaso, a veleidade preguiçosa de confiar essa tarefa — que é um dever patriótico! — aos estranhos que nos desconhecem? Seria licito cruzar os braços diante do esforço tão comovente e apaixonado que cada um *pela sua terra* desenvolve num bairrismo que é civismo e amor ao país?...

Como em 1884 quando Guimarães fez a sua primeira — e primeira no país! — Exposição Industrial, façamos que, como então, seja esta a hora da nossa reviviscência local.

A Exposição Industrial e Agrícola que vai realizar-se

em Agosto, vai, de positivo e certeza, trazer avalanches de forasteiros à nossa terra. O próprio Estado, pela visita do seu Ministro do Commercio e pelo relatório que do certamen expositivo fará o commissario do governo já nomeado, vai tomar melhor atenção do nosso modo de ser e de agir adentro da Nação. Não será, pois, oportuno — que dizemos! — opportunissimo, necessario, imprescindível, focar em exacta objectiva todos os nossos valores sociais e artisticos, revelando pela gravura e pelo texto o grande patrimonio do passado e a notável fortuna do presente?

Certamente! Certamente!

\* \* \*

Cumpra em síntese monografica guiar o forasteiro que nos visita através os nossos monumentos, os nossos museus, as nossas fragmentadas reliquias que, ainda assim mal dispostas e, algumas vezes mal veneradas, valem tesouros.

Cumpra detalhar os nossos pergaminhos de trabalho; a nossa indumentaria sacra; a nossa herança corporativa; os nossos costumes; a nossa paisagem e *até um pouco os nossos pontos fracos e vulneráveis* — para vêr se com o estímulo de estranhos, dobramos um pouco mais de atenção e de interesse pela colectividade vimezanense.

Tal é a função do Guia que está sendo elaborado.

Em novembro do ano preterito diziamos em nome da Camara à Associação Commercial — que um Guia monografico do concelho se impunha, para evitar ao forasteiro interessado em conhecer-nos, mais cicernes de ocasião. Sugeriamos que a Sociedade M. Sarmiento devia caber a confecção e coordenação desse trabalho. Os meses sucederam-se e... nada.

Foi então que nos resolvemos a praticar a ideia, visto que outros com mais comprovada obrigação e indiscutível competência não a enfrentavam — certamente porque se reservam para obra de mais tomo...

O Guia, porem, como o que vamos lançar a publico, visa este fim restrito: dar em duas manchas fortes, todo o claro e escuro deste sugestivo e emotivo quadro da nossa vida local. Trabalho de síntese, ele será sucinto, breve — para recolla de impressões em meia hora de leitura.

Deveria, talvez, ter no final das suas 50 ou 100 pa-

ginas de má prosa e boa gravura um roteiro anunciador. É norma observada nestes Guias.

Mas... querera o commercio e a industria de Guimarães anunciar? Ciosos de não tentarmos *empresa de lucros*, deixamos ainda à Associação Commercial o consultat-se — se sim ou não quer aproveitar esta publicação para seu registro anunciador.

E voltemo-nos à cancellaria larca — pelo muito que queremos à nossa terra.

A. L. de Carvalho.

## ECO

Yes!

Foi aqui ha dias. Dois estrangeiros cor de lagosta co-ida galgavam as ruas da cidade em passadas largas e rapidas, nariz no ar, binoculo na mão, o olho pisqueiro e duro a pousar em tudo, a esquadrihar tudo, um olho curioso ao extremo, ao mesmo tempo inquiridor e zombeteiro.

Desciam eles uma das nossas ruas, quando, de repente, estacaram. Que mosca lhes mordeu? Também quero vê... E parci. Os homens estavam em frente de um desses lindos artistico-ultimamente construidos, decerto para remate *condigno* da arquitetura cit dina e era precisamente para lá que as suas atencões convergiam.

Olharam, olharam-se, os labios contraídos, os ombros a erguerem-se, numa attitude em que havia espanto e assombro. Que diabo seria aquilo, aquele mono de pedra?

Nisto, um deles aproxima-se até quasi tocar na obra-prima, cortou com o tal olho investigador, abaixou-se levanta-se e, quando tal não era de esperar, ele al vem para o ponto de partida, uma perna no ar e as narinas em dilatação tempestuosa.

Yes; mim já saber. Sér coisa de... caca! E dizendo isto apontava para as botas onde se via mais do que sola.

O! Yes; português sér fina. Isto sér alguma pantheon de... caca. Cheirar a esse coisa, dizia o outro, assestando o binoculo ás botas do companheiro.

Oh; Yes!

## Foto-Elctrica Moderna

O seu proprietario participa aos seus clientes e amigos a abertura do novo atelier na Avenida Candido dos Reis, a todos pedindo uma visita à nova instalação, pronta desde já a satisfazer a todos os requisitos da arte fotografica, desde a miniatura ao tamanho natural.

## Sentido da Vida

(Continuade de n.º 19)

Do assim ête desequilibrio, escoraçados da convivencia, ei los que começam a bestializar se — caminhando para a vida irregular — como automatatos que o engenho humano tive se posto em movimento.

Deixam-se dominar pelo desespero provocado pela indifferença dos que se julgam seus superiores, indifferença que arrasta nova indifferença e os afasta cada vez mais dos deveres impostos pelos preceitos da sociedade fazendo dêtes, *não os irmãos que se devem amar*, mas sim inimigos ligados, idealistas ignoros precu-ores duma fraternidade muito menos fraternal que a apregoadada pelo verdadeiro iniciador d'êla.

É que lhes ensinaram coisas que os seus espiritos nunca poderam atingir nem compreender. Depois de lhes terem dado frases mescladas e de incitamento à revolta, a maior parte das vezes contra quem os despresam, sentem-se ebrios, julgando-se no direito de se emancipar das grilhetas que os martirisam — a obediencia a quem mais pode — e confundidos ainda mais os seus espiritos, tornam-se incapazes de fazer qualquer coisa de útil e à sua responsabilidade, procurando desgostar, irritar e provocar os seus maiores, não se lembrando os que assim procedem de que nos peitos de quem os auxiliar — pagando-lhes o seu trabalho — começam a germinar tambem o ódio, o desejo de os afastar ainda mais da sua convivencia, e o desespero gerado pela má obediencia de quem tinha obrigação de lhes obedecer.

E como *as emoções são condicionadas por actos fisiologicos que reagem sobre o espirito para aumentarem o sentimento*, o homem vacila, o seu coração bate mais apressadamente, e por má indole, colericamente embriagado torna-se cruel e chega a agredir quem reprova a sua maneira de proceder de rebelado.

Eu não ambiciono o despojamento total da sensibilidade dos individuos, mas em todo caso o desejo, primeiro que tudo, o respeito por si próprio, o respeito para com os seus semelhantes e que o sentimento social não seja o dirigente dos actos que possam ser censurados, senão quando a impressão conervada seja a da sua dignidade, senão quando esses actos sejam proveitosos para a sua dignidade, senão quando finalmente, é se seja o desejo da sua dignidade.

Devemos portanto, lutar contra as reacções desagradaveis, procurando acalmar os órgãos que nos tornam sensiveis e inquietos, fazer com que a intelligencia jamais seja a antagonista do sentimento e que a tranquillidade das attitudes nos traga ao espirito a calma própria para os raciocínios ponderados.

É digo calma, porque o perigo do temperamento inquieto pode conduzir nos, indubitavelmente, a erros, a decisões absurdas, a actos que nos desorientam e a nervosismos que nos acobardam.

Continua.

L. C.

## A QUESTÃO SOCIAL

Desde o fim da Grande Guerra, que vimos assistindo a uma luta desesperada desencadeada entre patrões e operarios.

Julgam-se estes com direito a uma melhor situação na actual sociedade, situação que lhes conceda certas regalias de há muito ambicionadas, situação que lhes traga um pouco de maior comodidade do que aquela que estão usufruindo.

Nada mais justo, nada mais simpatico e humano.

Uma parte porem do proletariado, dirigida por elementos inquietos a quem a politica fascina, tem-se evidenciado pela forma violenta com que ataca ou defende a sua maneira de ver. Não temendo o castigo, quasi certo da impunidade, não pensando sequer no resultado a que o pode levar a sua cegueira, esse agrupamento de exaltados, adotando as ideias mais avançadas, sem delas ter o devido conhecimento, não

repara ou não entende que dessa forma o operariado em geral vai perdendo razão para as suas mais nobres aspirações. Para convencer e vencer usa dos meios mais violentos e aterrorisantes, sendo constantes os ataques á bomba quasi sempre vitimando innocentes, por via de regra unicos sustentáculos de familias inteiras.

Há nessa camada avançada, determinados pontos de vista completos e inteiramente impossiveis de realizar nos nossos tempos.

Ora para que a justeza e a equidade apareçam perfeitas na Terra, para que a verdadeira liberdade tantas vezes apregoadada surja um dia, será absolutamente necessario deruir abruptamente, repentinamente uma sociedade que conta séculos de existencia? Será mesmo possivel, destruida a actual sociedade, constituir uma outra tão justa, tão equitativa que satisfaça toda a humanidade?

Não, não é possivel. Falta a preparação e falta a educação. Todo o Ideal seja qual for

# PELA PENHA!

## EXEMPLO A SEGUIR



a sua cor, só o tempo o tempo decididor dos problemas, mas o poder de em prática.

A grande massa do operariado, a maior parte da multidão trabalhadora não pensa felizmente de tal modo. Há uma minoria que se imbuí, como todas as minorias aguçadas e combatentes.

Não será possível viver-se o conteúdo de todos dentro da forma de governo republicano mas em que a igualdade, Liberdade e Fraternidade existam no mais completo sentido? E é como não é justo regalar ao operário digno e trabalhador, ao operário que passa uma vida de labuta, ao operário honrado e não criminoso, ao operário que não fabrica nem lança bombas, um certo bem-estar que ora ele não goza, justo é que a esse operário consciente se deem melhores condições de vida. E dentro da Republica, como formula de transição, vá os termos, entre conservadores e avançados, entre capitalismo e trabalho, é portento possível uma plataforma que a todos convenga e sirva.

Obtida ela, para o que basta que operários e patrões transijam e muito especialmente se compreendam, facilmente se de reende que uma era de paz surgiria para ambas as partes e consequentemente para todos.

Então as ideias anárquicas ficariam para serem julgadas e estudadas pelos vindouros, que devidamente educados, convenientemente preparados, as apreciariam como regime de verdadeira justiça e não de ódio e destruição como até hoje tem sido consideradas.

H. C.

### Caixa Geral de Depósitos

Neste jornal algo se disse já sobre esta instituição. Passaremos agora a dizer sobre alguns dos seus importantes serviços, que são: Caixa Económica Portuguesa, Transferências, empréstimos hipotecários, agrícolas, industriais e sobre papéis de crédito, Casa de Crédito Popular, Warrants etc.

Dentre todos, o serviço que até hoje tomou maior incremento é o da Caixa Económica Portuguesa, mealheiro formidável, que hoje guarda uma grande parte das economias domésticas. Na Caixa Económica, todos, poderes ou nós, podem ter o seu depósito.

Estes podem ser constituídos: por conta e em favor próprio, por qualquer pessoa maior de 15 anos; em favor de terceiro, maior e no gozo dos seus direitos civis por qualquer pessoa maior e sem dependência do mandato; em favor de menores e interditos á ordem dos pais, tutores ou administradores, ou ainda quando menores, com a clausula de só serem levantados na maior idade; por

*Luís do Souto, o nosso particular amigo e digno empresário do Vimaranes-Cine, vai mostrar mais uma vez como se é bairrista como se deve amar tudo aquilo que nos pode envaidecer, oferecendo o produto dum grandioso espectáculo em beneficio da nossa Penha — a pequena Sintra Minhota.*

*Dizer o quanto representa este seu gesto, desnecessario se torna fazê-lo, pois todos nós o reconhecemos como nobilitante e mais ainda, como um gesto verdadeiramente altruista, gesto que marca e é um estímulo para todos os vimaranenses, que, não tendo a minima noção do amor pela terra que lhes foi berço, só d'Ela se lembram quando alguém se eleva, elevando-a.*

*Apesar destes exemplos raros, em todo o caso, os nossos capitalistas conli-*

*nuam a comprar casas e terrenos fóra de barreiras, terrenos que poderiam ser os da nossa Penha, e casas que a embelezariam e a tornariam mais cubizada.*

*Porque a verdade é esta; nós só sabemos apreciar o valor das coisas, quanto mais elas são cubizadas.*

*Mas não. Os projectos não passam de... projectos e as promessas de embelezamento de... vagões de basófia arremessada para a cesta dos papéis velhos.*

*E já que estamos em maré de elogios a quem tanto tem contribuído para o engrandecimento da nossa linda serra não podemos deixar de citar os nomes dos Ex.<sup>mos</sup> Sns. Luiz Antonio Pereira e José Luiz de Pina, o primeiro como angariador de proventos para as obras de que Ela necessita, e o segundo como o ar-*

*tista que consagra o melhor do seu saber e do seu esforço em proveito do embelezamento desse pedaço de tinton.*

*Manuel Lopes Martins e Egídio Alvaro Marques, respectivamente secretario e tesoureiro da mesa da Irmandade, que também se não tem poupado em lutar pela valorisação da encantadora Penha, comprando o Hotel-veigonha para o adoptarem em um Hotel-estancia, e o terreno sobre o qual assenta a estátua de Pio IX, que alguém interessadamente, simulára vender.*

*Ao Ex.<sup>mo</sup> Snr. Luiz do Souto e demais beneméritos, apresenta a -Razão- como jornal que se orgulha do progresso de Guimarães, as suas mais sinceras homenagens.*

marido ou mulher a ordem de qualquer deles ou de ambos conjuntamente; por duas ou mais pessoas á ordem de qualquer delas ou todos conjuntamente; em favor duma entidade moral ou jurídica; noutras condições quando aceites pela administração.

O comerciante pode ter na Caixa Económica o seu cofre, onde diariamente guarda os seus apuros, para fazer os levantamentos quando necessite para soldar os seus débitos ou efectuar as suas compras.

E assim sem dar por isso, o seu depósito é aumentado anualmente com os juros vencidos o que lhe vem, sem trabalho algum, aumentár os seus lucros.

A dona de casa tem na Caixa Económica o seu mealheiro

onde pode juntar as economias do ménage e muitas vezes acudir com as migalhas juntas a qualquer necessidade imprevista e valer a situações afitivas.

O coxeiro, o operário, todo aquele que vive de salarios ou ordenados tem na Caixa Económica o guarda de superfluo, que poderá muitas vezes ser o início de capital para abertura dum estabelecimento ou fundação de uma industria.

As confrarias, as Associações de beneficencia, tem onde guardar as suas disponibilidades até quando as devam empregar em contratos de maior rendimento, o mesmo sucedendo até aos grandes capitalistas.

Além disso a propria Caixa encarrega-se de converter, quando os depositantes assim

o declarem, os seus depositos em papéis de crédito ou bilhetes do tesouro.

Por aqui se vê as grandes vantagens que todos tem em serem depositantes da Caixa Económica Portuguesa, o grande mealheiro nacional. Os depositos são todos á ordem e vencem o juro de 4 por cento ao ano, salvo no excedente a 5.000.000 a que se paga o juro de 3 %.

Grandes são pois as vantagens que a Caixa Económica oferece.

Em França, grande eriquisimo paiz, pode dizer-se que toda a gente tem a sua caderneta da Caixa Económica. Pois o mesmo deverá succeder em Portugal, porque além dos lucros que os depositantes auferem pelos seus depositos, outros lhe adveem, ainda que

indirectamente, dos efeitos produzidos pelos capitais acumulados, na economia do Paiz.

(Continuará)

Maior de 1921.

Enfilio.

### EDITOS DE 30 DIAS (2.ª Publicação)

Correm no inventario cronologico que neste Juiz de cartorio do segundo officio se processa por habito de Manuel Vitorino da Silva Guimarães, casado que foi com a inventariante D. Leocadia Malheiro Guimarães, também conhecida por D. Leocadia Maria da Conceição, do Largo da Oliveira, desta cidade, citando para assentarem aos termos do mesmo inventario, até final, sem prejuizo do seu regular andamento, os coherdeiros Laura Guimarães, maior, e seu marido, seu do casado, — Candida de Amaro, menores, e o seu legitimo representante, — todos netos do inventariado por serem filhos de seu falecido filho Anibal Vitorino da Silva Guimarães, — e Raul, de 20 anos de idade, bem como sua mãe D. Nodina Ribas Guimarães, aquele também neto do inventariado por ser filho do seu falecido filho Raul Vitorino da Silva Guimarães, que fóra casado com a dita senhora, — e todos auzentes em parte incerta da Republica dos Estados Unidos do Brazil.

O prazo dos referidos editos conta-se da segunda e ultima publicação do anuncio.

Guimarães, 23 de Abril de 1923.

Verifiquei a exatidão  
O Juiz de Direito  
Amadeu G. Guimarães.  
O escrivão do 2.º officio  
Serafim José Pereira Rodrigues.

Estabelecimento de Fazendas Brancas e Mindezas  
DE  
**Matos, Teixeira & C.ª**  
Praça de D. Afonso Henriques — 89  
GUIMARÃES

**Fernandes Guimarães & Irmão, Sucessores**

**RUA DA REPUBLICA, 88 a 92 --- GUIMARÃES**

**DEPOSITO DA POLVORA DO ESTADO**

Vidraría, cristais e louças. Tinta, óleos, vernizes e cimento. Artigos para caçadores.  
Grande sortido em serviços de louça, para mesa, chá, café e lavatório

**PREÇOS SEM COMPETENCIA**

Quereis vestir bem e pelos últimos aguilhões? Visitai a

**Alfalataria Progresso da Moda**

— DE —

**Caspar Lopes Ribeiro**

Rua da Republica, 93 -- 97  
**GUIMARÃES**



**Casa das Novidades**

**Largo da Feira do Leite --- GUIMARÃES**

Papelaria, tabacaria, perfumarias e miudezas. Grande sortido em postais ilustrados. Musicas para piano, e cordas para instrumentos. Caixas de papel com 50 folhas e 50 envelopes desde 1 a 8 escudos, e muitos outros artigos a preços convidativos.

**GUARDASOLARIA VIMARANENSE**

DE--

**Martins, Faria & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>**

51, Largo do Prior do Crato, 54 — (Junto ás escadinhas)

Deposito de guardasóis e chapéus. Concertam-se os mesmos  
**Vendas por junto e a retalho**

**Casa Penhorista Vimaranense**

Fundada em 1886

Propriedade de **PEIXOTO, ROCHA & C.<sup>a</sup>**  
Legalmente habilitadas

Operações sobre valores de ouro, prata, platina, pedras preciosas e papeis de crédito

Rua da Republica, 144 — GUIMARÃES

Ferragens, Cutelarias e Pentas

DE

**A. J. Fereira da Cunha**

38, Praça D. Afonso Henriques, 39 (Toural)

**Vendas por junto e a retalho**

**GUIMARÃES**

**Antiga Casa Alemã**

DE

**Cardoso & Irmão**

**GUIMARÃES**

Modas e miudezas  
Fazendas brancas  
**LANIFICIOS**

Antiga Mercaria e Confeltaria

DA PORTA DA VILA

DE

**Antonio de Sousa Guise**

Deposito de Vinhos da Companhia Vinicola e Aguas Sameiro

24, Rua da Republica, 28 — GUIMARÃES

**SERRALHERIA MECANICA E CIVIL**

— DE —

**Antonio Gonçalves Coelho**

Vigamentos, cofres, casas fortes, gradeamentos, velos, chumaceiras, tambores, etc.

EXECUTA-SE QUALQUER TRABALHO DE TORNO E FUNDIÇÃO

Largo da Republica do Brazil, 21

**"A RAZÃO,"**

**Semanario Republicano**

ASSINATURAS

Semestre. . . . 350 centavos

Numero avulso . . . 20

PUBLICAÇÕES

Anuncios e comunicados, contracto especial

Ao Cidadão